

CONFISSÕES DE UM LEITOR APAIXONADO

JOSÉ JORGE LETRIA

Para a Alice Vieira

Sempre que me pedem para inventariar os livros da minha vida — os da infância, os da adolescência e os outros —, dou-me conta de que, ao fazê-lo, estou a definir as etapas fundamentais do meu percurso como homem, leitor e escritor. Com efeito, é-me difícil não associar certas obras a momentos inapagáveis de júbilo e de tristeza, de paixão e de descoberta intelectual.

Ainda hoje tenho dificuldade em explicar de que forma me tornei um apaixonado pelos livros. Não cresci cercado por eles, embora houvesse na minha casa hábitos de leitura, nem fui, na puberdade e na adolescência, aquilo a que vulgarmente se chama um «rato de biblioteca». Bem pelo contrário. Joguei futebol e hóquei em patins, aprendi a tocar viola e fiz parte de conjuntos «pop» (hoje designados por «bandas» que, para mim, continuam a ser apenas as filarmónicas), animei bailes de finalistas e, tendo nascido em Cascais, muito perto do mar, esforcei-me sempre para que a minha época balnear começasse mesmo antes das férias grandes. E, contudo, nunca deixei de ser um leitor compulsivo, consentindo que o livro, passo a passo, página a página, se fosse tornando uma das mais sólidas paixões da minha vida.

Na memória da infância ficaram-me as inevitáveis leituras de *Peter Pan*, de *Alice no País das Maravilhas*, de *A Ilha do*

Tesouro, de *As Aventuras de Pinóquio*, de *D. Quixote de La Mancha*, de *As Viagens de Gulliver*, por sinal concebido como um livro para adultos e não para crianças, o *Tim-Tim* e o *Asterix* e, incontornavelmente, *O Principezinho*, que foi a minha primeira leitura efectuada na Biblioteca Condes de Castro Guimarães, em Cascais, então ainda exemplarmente dirigida por Branquinho da Fonseca, senhor circunspecto que eu via entrar e sair de chapéu na cabeça, seguramente a imaginar o alcance das bibliotecas itinerantes que pôs a funcionar naquela vila antes de a Gulbenkian expandir o sistema à escala nacional.

Quando fiz 12 anos, o meu pai ofereceu-me um exemplar de *O Diário de Anne Frank*, que viria a mudar a minha visão do mundo, demonstrando-me que os maus e os bons não se resumiam aos índios e aos «cowboys» que eu conhecia das revistas de banda desenhada e dos «westerns» exibidos no velho Cinema Académico, próximo da minha casa. Vem dessa leitura o meu interesse pelas questões relacionadas como o Holocausto, o impulso que me levou a escrever o livro *Mouschi*, o *Gato de Anne Frank* e o facto de, enquanto autarca, ter apostado na criação do Espaço-Memória dos Exílios no Estoril, em 1999.

Havia também, como é óbvio, as leituras das selectas escolares, que me permitiram tomar contacto com Fernando Pessoa, o de «O Menino de Sua Mãe» e «Mar Salgado», sem que se falasse ainda do fenómeno da heteronímia, com o Bocage de «Já Bocage Não Sou», que revisei, já em 2002, através da minha narrativa biográfica «Já Bocage Não Sou», título tomado de empréstimo ao trágico e belíssimo soneto de despedida, escrito ou ditado já no leito de morte, na Travessa André Valente, no Bairro Alto, aos 39 anos, com o corpo destroçado por um aneurisma.

Fui também leitor infatigável das aventuras de Emílio Salgari, dos livros de Rudyard Kipling, das magistrais investigações de Sherlock Holmes, saídas da pena genial de Arthur Conan Doyle, dos livros de Edmundo De Amicis e das biogra-

fias de Adolfo Simões Müller, que me ajudaram a descobrir, com fascínio e espanto, grandes cientistas, inventores, navegadores e políticos portugueses e estrangeiros.

Eu tornara-me um leitor sôfrego, insaciável, quase viciado, sempre à espera que chegassem novos títulos à biblioteca municipal ou que os meus pais mos trouxessem de Lisboa, das livrarias da Baixa, onde a oferta era mais diversificada e tentadora, apesar do castrador espartilho da Censura.

Um dia, quis o destino privar-me de vez da companhia de meu pai. Eu tinha 16 anos e ainda não lera nenhum livro que me explicasse quanto pode doer uma súbita orfandade. Os livros ajudaram-me a suportar a tremenda dor desse vazio. Nessa altura eu andava a ler, simultaneamente, *O Livro de César Verde*, a poesia de José Gomes Ferreira e *Os Passos em Volta*, de Herberto Helder. A combinação destas três leituras teve o efeito de um verdadeiro terramoto na minha vida, ao ponto de terem contribuído para eu consolidar a convicção de que só podia vir a ser poeta, tendo para isso contribuído também a minha colaboração regular nas páginas do suplemento «Juvenil», do *Diário de Lisboa*, dirigido por Mário Castrim. Ali escreviam, entre muitos outros, Alice Vieira, Nuno Júdice, Hélia Correia ou Joaquim Pessoa. Com contos e poemas, ganhei duas vezes o tentador Prémio Fósforo Ferrero, que me permitiu levar para casa, de cada vez, dois contos e quinhentos em livros, o que era muito livro, mesmo para um leitor ávido como eu era.

Foi esse também o tempo das grandes leituras que mudaram a minha vida. Cito algumas, de forma não exaustiva: *A Metamorfose*, de Kafka, *O Estrangeiro* e *A Peste*, de Albert Camus, *O Velho e o Mar*, de Ernest Hemingway, *A Espuma dos Dias* e *O Outono em Pequim*, de Boris Vian, *A Náusea*, Baudelaire e *As Palavras*, de Sartre, *Na Senda Poesia*, de Ruy Belo, *A Feira Cabisbaixa*, de Alexandre O'Neill, *Ensaio de Doutrina Crítica*, de T. S. Eliot, e quase tudo o que encontrei disponível de Jorge de Sena.

Foram estes livros, entre muitos outros, que, antes dos 20 anos, sendo eu já aluno da Faculdade de Direito de Lisboa e cantor da resistência, fortaleceram em mim a determinação de vir a ser escritor, independentemente daquilo que viesse a ter que fazer para ganhar a vida. Por acaso, depois de ter trabalhado um ano como actor profissional do Teatro Experimental de Cascais, onde representei Gil Vicente, Yukio Miishima e Witold Gombrowicz, tornei-me redactor do *Diário de Lisboa*, primeiro no suplemento humorístico «A Mosca» e depois na Redacção propriamente dita, ainda no velho edifício da Rua Luz Soriano, ao Bairro Alto, onde tive como camaradas e mestres, para além de Mário Castrim, o Urbano Tavares Rodrigues, o Fernando Assis Pacheco e o Luís de Sttau Monteiro, num tempo em que os mais novos conheciam e admiravam o trabalho dos mais velhos e consideravam ser um inexcusável privilégio poderem partilhar o mesmo espaço em que eles trabalhavam sob a pressão quotidiana do fecho das edições de um jornal diário.

Entretanto, passei a escrever sobre livros, a entrevistar escritores e a sentir as coisas da literatura como um assunto meu. Do *Diário de Lisboa* transitei, em 1972, para a Redacção do *República*, onde tive como camaradas de ofício escritores com a dimensão de um Álvaro Guerra e de um Mário Henrique Leiria, de quem já era leitor e de quem me tornei grande amigo. Nesses tempos vi nascer, por exemplo, alguns *Contos do Gin Tónico*, de Mário Henrique Leiria, e vários poemas de Fernando Assis Pacheco, escritos com um só dedo, numa velha máquina Erika, de teclado AZERT, quando ninguém se atrevia a imaginar que um dia haveria computadores para uso pessoal.

Celebrei com os livros um pacto que nunca diminuiu de intensidade. Os livros invadiram a minha casa e a minha vida, roubando-me espaço mas proporcionando-me infinitas alegrias. Nunca consultei um psicanalista sobre o assunto, mas acho que me tornei um verdadeiro viciado em livros, ao pon-

to de dar razão ao inglês Anthony Burgess quando diz que «a posse do livro substitui frequentemente o prazer da sua leitura». Ando mesmo a pensar escrever um livro de memórias bibliográficas intitulado *Confissões de Um Viciado em Livros*, parcialmente tomado de empréstimo a Thomas de Quincey. Digo parcialmente, porque o vício de que ele falava era o do consumo de ópio, que também deu origem àquela que é, para mim, a melhor obra de Jean Cocteau.

Os livros moldaram-me a consciência, o sentido de justiça, o gosto pela política e pelos justos combates que ela comporta quando é feita com seriedade e sentido solidário, a paixão pela palavra e pelos seus sons e sentidos. Os livros acrescentaram mais mundo ao meu pequeno mundo e tornaram-se um prolongamento das minhas inquietações e dúvidas, de tal maneira que, ainda hoje, não me atrevo a viajar sem uma mão-cheia deles, tenha a viagem a extensão e a duração que tiver.

Lembro-se sempre do meu pai transportando no bolso interior da gabardina um volume de bolso da *Histoire Universelle* da Larousse para premiar as boas notas que eu conseguia ter nas disciplinas de que mais gostava, desde a História à Filosofia. Todos os meses acrescentavam um à minha ainda modesta mas amada biblioteca.

Quando eu morrer, gostava de levar comigo os livros da minha vida, nem que seja para ficar com a ilusão de que, assim, terei forma de ocupar o infinito ócio desse estádio desconhecido, embora seja agnóstico e nada me faça crer que, cumprido o ciclo da nossa existência, nos sobre ainda tempo para ler ou para qualquer outra coisa. Talvez os livros sejam os grandes culpados dessa infantil e mágica ilusão.

Os meus filhos, que já são homens e pais de filhos, são complacentes quando falam da força que há nesta minha confessada fraqueza. Quando nos encontramos, dizem com uma terna ironia: «Lá vem o homem dos livros!». Que melhor elogio pode um pai esperar dos filhos que cresceram no meio dos livros, apercebendo-se de que eles são também uma forma de

partilhar afectos? Ainda por cima tenho a sorte de ter um filho que ilustra exemplarmente muitos dos meus livros e se chama André Letria.

De mim estou certo que, em dia de aniversário, ninguém dirá aquilo que já ouvi dizer em relação a um conhecido homem de negócios: «Bem, livros não lhe vamos dar nenhum porque ele já tem um.» Eu tenho tantos que não consigo imaginar a minha vida sem eles. Se um dia eles me abandonarem, terei de partir para muito longe para que ninguém me veja chorar de tristeza e abandono.

Lisboa, 9 de Fevereiro de 2004

A BIBLIOTECA

JOSÉ JORGE LETRIA

A biblioteca é uma casa
onde os livros moram
como uma família feliz,
embora seja muito diverso,
seja em prosa, seja em verso,
aquilo que cada um diz.

A biblioteca é o tecto
do afecto e do amor da leitura,
saboreada devagar,
cada página uma aventura,
como quem tece o fio
do novelo da ternura.

A biblioteca é o lugar das perguntas
que às vezes ficam sem resposta,
e é disso que ela mais gosta,
por entender que as certezas
não são a melhor aposta
e que as dúvidas,
por serem aquilo que são,
acabam, tarde ou cedo,
por iluminar o coração.

mesmo que fale de tempos idos
com personagens perversas
e capítulos compridos,
porque aquilo que ele conta
é um instante emocionante
da própria arte de contar,
e quem conta acrescenta
um ponto e mais um conto
à alegria de quem lendo
está sempre a festejar
esse mundo de palavras
que lhe inunda o olhar
e que, tornado rio imenso,
também o faz pensar,
como um caudal de sons
eternamente correndo para o mar.

A biblioteca tem ecos de sinfonia
e conversa com a prima
que mora em Alexandria
e que já viu as coisas más
de que o homem se não lê
acaba por ser capaz,
só por temer que a leitura,
iluminando a cidade,
escreva por dentro de nós
a palavra liberdade,
como se com ternas letras
quisesse chegar mais longe
e desenhar na lombada
o nome da felicidade.

A biblioteca é a viagem
do nosso encantamento,
entre o fio do silêncio
e a voz do pensamento,
é o novelo dos dias
levando de estante em estante
romances e poesias,
a vogal e a consoante,
inventos e fantasias
e a aventura galante,
fazendo de cada leitor
um eterno viajante.

A biblioteca é a casa
desse eterno leitor aprendiz
que lendo e relendo,
vai descobrindo e esquecendo,
assim como quem diz:
«Cada livro que descubro
é apenas mais um passo
para me sentir feliz».

Março de 2003

